



## **Comunicação e uso de mídias para formação cidadã de juventudes em projetos de Educação Integral nas escolas do Cariri Cearense<sup>1</sup>**

Rosane da Silva NUNES<sup>2</sup>

Universidade Federal do Ceará – Juazeiro do Norte, CE.

### **Resumo**

A interface entre os campos da comunicação e da educação está presente em escolas de todo o Brasil, contando inclusive com apoio de políticas públicas de Educação Integral. O objetivo desse trabalho é analisar a influência de projetos educacionais para a formação cidadã dos jovens, de maneira a despertar nos mesmos o sentimento de pertença à comunidade onde vivem e sua atuação como cidadãos. O *locus* do estudo é a região do Cariri Cearense – municípios do Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Essa pesquisa iniciou em fevereiro de 2012 e lança mão de procedimentos metodológicos quanti-qualitativos com vistas a conhecer a estrutura de trabalho nesses projetos. Percebeu-se que a quantidade de projetos oscila de um semestre para outro e que há indícios de participação efetiva de alunos nas atividades educacionais, podendo sinalizar contribuição para a formação cidadã do jovem.

### **Palavras-chave**

Comunicação, Educação, Juventudes.

### **Introdução**

O mais recente censo demográfico brasileiro apontou para um fenômeno antes inimaginável: muitos nordestinos imigrantes estão voltando para casa. No Brasil, o número de migrantes de retorno subiu de 22%, dados do Censo 2000, para 24,5% - um total 1,23 milhões de brasileiros que voltaram para o estado de origem (IBGE, 2010). A maioria deles nasceu nas regiões Norte e Nordeste do País. O Ceará liderou esse ranking, apresentando o maior percentual de migração reversa, 46,6% do total.

No entanto, o mesmo censo aponta que a população rural está diminuindo em todo o País. Em 2000, 18,75% da população vivia em situação rural. Dez anos depois, esse percentual caiu para 15,65%, isso significa que quase dois milhões de pessoas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri, pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Desenvolvimento Regional – LEADERS, linha de pesquisa Comunicação e Desenvolvimento Regional. E-mail: rosane.nunes@cariri.ufc.br.



deixaram o campo, no decorrer de uma década. Confrontando esses dados, é possível inferir que, a despeito de as oportunidades de trabalho no Nordeste estarem aumentando, o interesse em permanecer na zona rural diminui, a cada ano.

Um olhar mais atento à pesquisa do IBGE suscita, ainda, outras interpretações e questionamentos acerca da geração de atrativos que possam despertar na população que vive no interior dos estados – especialmente a mais jovem – a vontade de viver em sua cidade natal, ou seja, o desejo de conviver com sua terra, sua cultura, sua gente, e com ela desenvolver-se. Nesse sentido, a escola pode dar uma contribuição fundamental, que extrapola a simples formação para o mundo do trabalho, constituindo um espaço de interação para a criança e o adolescente, pois a educação “é uma prática social fundamental que se interliga a fenômenos centrais da sociedade atual” (DAMASCENO In: MATOS, 2003, p. 32).

O problema aqui delimitado é se a escola está assumindo esse lugar de socialização do educando, a ponto de despertar a troca de saberes na comunidade escolar – estudantes, professores e família, numa perspectiva integralizante de ensino-aprendizagem. No que tange a esse estudo, pretendemos observar se ações de comunicação no ambiente escolar contribui para tal socialização e, conseqüente sentimento de pertença à comunidade e posterior construção da cidadania juvenil. Tal postura poderá aproximar o ambiente da realidade dos alunos, reforçando um processo de identificação que pode ser profícuo, na medida em que provoque um sentimento de pertença. Matos (2003) indica que a escola significa para muitos jovens, além da oportunidade de capacitação ao trabalho, um local de relacionamento, de troca de conhecimentos e uma segunda casa. Portanto, se a casa não o acolhe, com todas as suas inquietudes e visões diferenciadas de mundo, o jovem parte, e esse partir pode ocorrer tanto concretamente – aumentando os índices de evasão tão temidos pelos mantenedores das políticas públicas educacionais -, como simbolicamente, ficando a escola com um estudante alheio ao que nela se passa.

Entre os atores envolvidos na luta por uma vida com qualidade no interior do Nordeste, estão a escola e os movimentos sociais. Portanto, entendemos que se houver uma articulação entre o ambiente escolar, o mundo vivido pelas juventudes e os movimentos sociais, estará se formando uma rede capaz de promover um cenário propício ao envolvimento desses jovens em instâncias da esfera pública de tomada de decisões, sobre sua comunidade e sobre os rumos de sua própria vida. O estudante será livre para ir ou ficar, não será forçado a deixar sua terra, tampouco cerceado em seus



sonhos de galgar novos destinos. Ele poderá escolher, como propõe Freire (2000, p. 59) “as crianças precisam de ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo”.

Consideramos que uma das maneiras de incentivar a liberdade é por meio do exercício da fala, o que Habermas define como Agir Comunicativo, o qual é formado pela tríplice função da linguagem: a expressiva, a representativa e interativa (BONFLEUR, 2001). Por isso, a comunicação, quando aliada à educação, pode abrir várias possibilidades de formação do senso crítico no aluno, sendo, portanto, o uso de ferramentas midiáticas um canal de educação, se esse uso estabelecer um “processo comunicacional horizontalizado, uma comunicação feita ou mediada por jovens” (NUNES, 2005, p. 36).

Começam a se formar, portanto, as condições e justificativas do estudo a que nos propomos: partindo do pressuposto de que a Educação Integral nas escolas pode contribuir para a convivência do jovem em comunidade; e que tal educação pode partir de uma ação comunicativa, por meio do uso de instrumentos midiáticos, a questão que se interpõe é se os projetos de comunicação e educação desenvolvidos em escolas públicas estão promovendo uma formação cidadã, gerando um sentimento de pertença ao território onde vivem. Para tanto, faz-se necessário avaliar de que forma estão sendo executados os projetos educacionais, porque essa atividade é escolhida pelos educadores, qual o grau de participação da comunidade escolar nessa escolha, em que medida temáticas relativas à cidadania, à democracia e educação política são abordadas, qual o conteúdo gerado nesses projetos e quais as dificuldades enfrentadas para a sua execução.

Convém ressaltar que a Educação Integral, que tem como princípio “construir uma educação que pressupõe uma relação da aprendizagem para a vida, uma aprendizagem significativa e cidadã” (BRASIL, 2011), é inerente aos direitos básicos, posto que bens como a liberdade, a convivência familiar e em comunidade e a saúde são condições elementares para o desenvolvimento social. Política e comunicação são áreas complementares, guardam entre si vários pontos de aderência, entre eles, a vocação para a participação nas esferas públicas de decisão. Portanto, uma pesquisa que verifique ações de comunicação no contexto da Educação Integral, poderá fornecer elementos relevantes de análise de políticas públicas voltadas à formação das juventudes brasileiras.



A sociedade contemporânea encontra-se fortemente influenciada pela presença da tecnologia. Com isso, muitas escolas públicas, no Brasil, utilizam ferramentas de comunicação (Internet, vídeo, rádio, jornais impressos) dentro de uma perspectiva integralizante de processo educativo, seja em laboratórios, sala de aula ou em espaços fora da escola, a fim de potencializar o aprendizado de maneira mais participativa e facilitar o acesso às informações e pesquisas em uma nova perspectiva pedagógica (COSTA, 2000).

No entanto, o uso de tais instrumentos não é suficiente para garantir um processo participativo e dialógico de construção do conhecimento, como alerta Nunes (2002, 2002, p. 14):

A mensagem, para ser considerada alternativa e emancipatória, deve trazer um discurso que promova a mudança, a transformação social, por meio da participação democrática [...] caso contrário trata-se, somente, de meio ou mensagem com ideais diferenciados dos da comunicação de massa, mas imbuídos do mesmo propósito: o da busca de poder de controle da comunicação “Percebemos a necessidade de investigar como se dá o uso das ferramentas midiáticas no ambiente escolar, para entendermos quais são implicações desse procedimento pedagógico na formação educacional e crítica dos alunos.

Portanto, a existência de projetos que aliem comunicação e educação requer cuidados para não reproduzir modelos hegemônicos de manipulação ideológica. Esse é um risco do qual a escola deve se afastar, lançando mão de recursos libertários de comunicação. Foi a partir dessa reflexão que percebemos a necessidade de investigar como se dá o uso das ferramentas midiáticas no ambiente escolar, para entendermos quais são implicações desse procedimento pedagógico na formação educacional e crítica dos alunos. No que tange a esse trabalho, nossos olhos se voltam para escolas públicas da região do Cariri Cearense.

### **Conceitos norteadores**

Os principais marcos conceituais a serem trabalhados nessa pesquisa são: juventudes e educomunicação. A primeira dimensão do estudo – juventude, nos proporcionará compreender melhor as características das juventudes nas escolas de cidades do interior de um estado nordestino. Já a segunda abordagem, se faz necessária



para identificar critérios de análise dos projetos de comunicação desenvolvidos nas escolas e a terceira questão – cidadania, constitui um elemento de base para analisar uma proposta integralizante de educação.

No tocante às reflexões sobre as juventudes, citamos estudos de Matos (2003, 2004), Damasceno (2003), Abramo (In: COSTA, 2000), Costa (2000) e Jacks (2012). O olhar sobre os jovens como um indivíduo dotado de condições socioculturais específicas data do final do século XIX, início do século XX, portanto, os estudos científicos do fenômeno da juventude são recentes e suscitam diferentes abordagens (JACKS, 2012). A autora lembra que, para Bourdieu a classificação de pessoas por faixa etária constitui uma forma de impor limites e estabelecer o lugar e a forma de cada um se manifestar, sendo a juventude apenas uma palavra carregada de sentidos manipuladores e segregadores de gerações. Jacks (2012) também destaca que na concepção de Bourdieu alguns fatores incutem diferenciais entre os jovens que precisam ser considerados, sob pena de unificar grupos distintos. Um desses diferenciais é o ingresso no mundo do trabalho o qual pode ser dar tanto pela necessidade de custear despesas familiares como de ascender ao patamar de adulto – que traz consigo o *status* de independência. Sobre essa questão, Jacks (2012, p. 4) pontua que:

[...] as escolas contribuíram muito com a constituição de tais *status*, pois tiveram um papel fundamental na formação das aspirações dos indivíduos. Os títulos outorgados pela escola estimulam ideais de pertencimento (à determinada classe, a um suposto lugar no mercado de trabalho...) e, conseqüentemente, direitos para conquistá-los. Com isso, a escola contribui para incentivar os indivíduos a sentirem-se incluídos ou excluídos em determinadas possibilidades.

Nesse sentido, é válido analisar o potencial anti-segregador que um modelo de Educação Integral pode proporcionar aos jovens, pois, na concepção de Bourdieu, a condição da juventude está relacionada às condições de poderio econômico e social manifestadas ainda no período escolar, o qual pressupõe maior ou menor grau de empregabilidade, sendo portanto, uma fase onde se expõe claramente relações de poder e de disputa entre pares. Desta forma, a escola pode se revestir do papel de arena entre indivíduos que se veem compelidos a se prepararem para a fase adulta, isoladamente.

Com o intuito de descobrir o que a escola significa para os jovens, Matos identificou a pluralidade inerente às juventudes, permitindo vislumbrar diferenças significativas entre o jovem da zona rural e da urbana, ou entre aquele que estuda em



escola pública e os que frequentam a escola particular. Apesar das diferenças provocadas pela localização geográfica e/ou condições sócio-econômicas a que estão submetidos, existe um ponto em comum a esses diferentes jovens: eles vivenciam um período rico em contradições:

Se por um lado, os jovens traduzem a juventude por felicidade, diversão, vitalidade, energia, liberdade, afetividade, curtição com os amigos, busca de solidariedade/fraternidade, acrescentam que esse tempo tem de simbolizar também a rebeldia, a diferença, a mudança. (MATOS, 2003, p. 33).

Abramo (In: COSTA, 2000) apresenta essa necessidade de rebelar-se do jovem como uma constante, ao longo da história brasileira. No entanto, a rebeldia dos jovens dos anos 1950 era interpretada à delinquência gratuita e sem causa; já nas décadas de 1960 a 1970, a juventude posicionou-se politicamente e passou a ser vista como ameaça à ordem social; na década de 1980 e 1990, houve um recuo: os jovens não reivindicam o papel de transformadores e passam a resistir muito pouco ao modelo social que lhes é apresentado. No entanto, à sua maneira, continuam buscando a rebeldia em atitudes individualistas, tais como o vandalismo. Abramo destaca que, independente da maneira como se posicionam perante o estado de coisas, a sociedade geralmente vê o jovem com temor.

Damasceno (In: MATOS, 2003, p. 33) alerta para a importância de resgatar as categorias jovem/estudante, jovem/trabalhador, “no sentido de melhor entender o que se passa no interior das práticas educativas, enquanto espaço de sociabilidade e de práticas culturais”. A autora pontua também que há duas vertentes acerca temática juventude, a geracional e a classista, tendo a primeira um olhar unificador e pessimista sobre os jovens (trata-se de uma fase transitória carregada de problemas), já a segunda concepção percebe a juventude como plural e rica em possibilidades de construto social. Nessa direção, também caminham os estudos de Costa (2000, p. 110-111):

Os jovens são o resultado do ambiente econômico, social e cultural do seu tempo e das relações pessoais e sociais que estabelecem nessa fase da vida. Como essas relações variam muito de uma classe social para outra, é mais correto falar de juventudes do que de juventude, como se fosse uma realidade única. [...] esse quadro nos faz perceber a necessidade de o Estado e a sociedade adotarem diferentes estratégias de atuação, para lidar com o vasto conjunto de manifestações que partem de distintos lugares sociais ocupados pelos jovens.



Ainda no que se refere à educação, buscamos em Freire (1996,2000) algumas de nossas inspirações. A proposta de Freire ao educador de fomentar a criticidade, a postura ética e da reflexão sobre a prática coaduna com os princípios de uma educação pautada no diálogo, portanto, aproxima-se do agir comunicativo, base dos processos participativos de comunicação. Ademais, sendo o comunicador alguém interessado, apaixonado pelas coisas do mundo, ele está sempre alimentando uma fértil curiosidade pelas realidades novas. Nesse sentido, o comunicador aproxima-se do perfil que Freire sugere ao professor e ao aluno:

[...] o fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala e enquanto ouve. O importante é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1996, p. 86).

Percebe-se, portanto, que a proposta de uma educação dialogada coaduna com os princípios da comunicação na educação. Quanto a essa relação, concordamos que:

Defendemos a tese segundo a qual uma comunicação essencialmente dialógica e participativa, no espaço do ecossistema comunicativo escolar, mediada pela gestão compartilhada (professor/aluno/comunidade escolar) dos recursos e processos da informação, contribui essencialmente para a prática educativa (...) e para o adequado relacionamento no convívio professor/aluno, maximizando as possibilidades de aprendizagem, de tomada de consciência e de mobilização para a ação (SOARES, 2011, p.17).

Convém ressaltar que o estudo e a prática da comunicação educativa nos reporta ao início do século passado, quando o francês Celestin Freinet já inseria a prática da imprensa na escola, incentivando a produção pelos alunos de informativos sobre o cotidiano da comunidade na qual estavam inseridos. Segundo Gadotti (2008) Freinet tinha como foco a “educação pelo trabalho”. No Brasil, a mistura de práticas educativas com técnicas da comunicação surgiu mais fortemente na década de 1970. Os debates acadêmicos acerca desses dois campos problematizou a interdependência entre eles (SOARES, 2011) e, nesse contexto, foi consolidado, na década de 1990, o conceito de educomunicação<sup>3</sup>, que remonta a um conjunto de ações que têm a finalidade de

---

<sup>3</sup> As questões aqui apresentadas têm por objetivo discutir concepções teóricas acerca da realização de processos comunicacionais no ambiente escolar. Não é nosso objetivo, no momento, adotar este ou outro conceito, mas, tão somente, apresentar os marcos referenciais gerados pela interface entre comunicação e educação.



promover leitura crítica dos meios de comunicação e massa; deflagrar processos de elaboração e disseminação participativos de mensagens no ambiente escolar - criando ecossistemas comunicativos nos espaços educativos e melhorar o potencial expressivo e reflexivo dos estudantes. Trata-se de “um novo campo do saber, absolutamente interdisciplinar e com certa autonomia em relação aos tradicionais campos da educação e da comunicação” (SOARES, 2011, p; 35).

A leitura crítica das mídias – uma das frentes de estudo da educomunicação, vai ao encontro de reflexões sobre a relação entre meios de comunicação, esfera pública e cidadania, condição para compreender a sociedade atual:

Pode-se propor que se compreenda a contemporaneidade como uma sociedade estruturada e ambientada pela comunicação, como uma verdadeira “Idade Mídia”, em suas profundas ressonâncias sobre a sociabilidade contemporânea em seus diversos campo.(RUBIM,2000, p. 29)

Braga & Calazans (2001) reforçam essa percepção, de que a escola não deve estar à margem dos processos midiáticos, sob pena de apartar-se do mundo vivido. Os autores lembram que a escola forma o estudante para a sociedade e que, se esta é mediatizada, os educadores necessitam usar recursos da mídia para educar, de maneira a promover um “encontro entre o sistema escolar e a própria sociedade de comunicação – e é relacionado à necessidade educacional de formar e socializar os estudantes” (BRAGA; CALAZANS, 2001, p. 59)

Além de apurar o olhar do jovem para a sociedade mediada pelos veículos de comunicação, ao manejar a produção de conteúdos em plataformas midiáticas, incentivamos o exercício da fala no ambiente escolar, podendo esse ser um canal para discussão acerca da formação do Estado-nação na sociedade brasileira, os caminhos da construção dos direitos civis, políticos e sociais no Brasil, o qual foi fracamente marcado por lutas e conquistas protagonizadas pela população; ao contrário, foi resultado de concessão de benesses pelo Estado a determinados grupos que formou no país uma peculiar postura de normalidade perante a desigualdade de oportunidades, cenário que tem gênese no período colonial:

A herança colonial pesou mais na área dos direitos civis. O novo país herdou a escravidão, que negava a condição humana do escravo, herdou a grande propriedade rural, fechada à ação da lei, e herdou um Estado comprometido com o poder privado. Esses três empecilhos ao exercício da cidadania civil revelaram-se persistentes. A escravidão só foi abolida em 1888, a grande propriedade ainda exerce seu poder em



algumas áreas do país e a desprivatização do poder público é tema da agenda atual de reformas. (CARVALHO, 2006, p. 45).

A herança escravocrata pode ter incutido em nossa sociedade uma aura de autoritarismo que permeia não apenas o Estado e a iniciativa privada mas toda a população, gerando o que Evelina Dagnino (1994, p. 105) denomina de um *autoritarismo social* que “engendra formas de sociabilidade e uma cultura autoritária de exclusão que (...) reproduz a desigualdade nas relações sociais em todos os seus níveis”. Certamente, esse autoritarismo latente afeta as relações no cotidiano das escolas, razão pela qual é necessário identificar como os conflitos são tratados e qual a contribuição das ações comunicativas no âmbito de projetos da Educação Integral no incentivo à quebra da “cultura do silêncio” denunciada por Freire (apud Venício, 2011), de maneira a contribuir para o exercício da cidadania dentro e fora a escola.

### **Algumas percepções**

Esse trabalho aborda algumas reflexões advindas da pesquisa sobre as práticas comunicacionais desenvolvidas no âmbito de escolas públicas do Cariri cearense, região sul do estado. O foco do estudo é verificar de que forma a proposta de Educação Integral em instituições dessa região é abordada nos projetos de educomunicação apoiados por políticas educacionais, especialmente o Programa Mais Educação, promovido pelo Governo Federal. Partimos do pressuposto de que a escola, ao utilizar ferramentas midiáticas de comunicação em projetos extra-sala, pode abrir canais de participação e de expressão dos estudantes e da comunidade, permitindo um processo dialógico e profícuo de aprendizado. A dúvida maior que se apresenta é se a escola beneficiada pelo Programa Mais Educação – que atende prioritariamente escola com baixo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) possui um ambiente propício a desenvolver um modelo complexo de aprendizado como a que a política de Educação Integral se propõe.

O Programa Mais Educação foi criado pela Portaria Interministerial 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7083/2010 (BRASIL, 2011) e inclui a “Comunicação e uso



de mídias” entre os dez macrocampos de atuação dessa política<sup>4</sup>. Partiremos de uma base de dados apurados pela pesquisa *Uso de ferramentas midiáticas em escolas públicas da região do Cariri Cearense*, desenvolvida pela equipe de estudantes pesquisadores do Laboratório de Estudos Avançados em Desenvolvimento Regional Sustentável (Leaders), na linha *Comunicação e Desenvolvimento Regional Sustentável*. A pesquisa, iniciada em fevereiro de 2012, mapeou as experiências de educomunicação nos municípios do Crato, Juazeiro e Barbalha, identificando quais mídias utilizam (rádio, jornal, vídeo ou Internet).

A região formada pelos supracitados municípios formam a estrutura do triângulo Crajubar<sup>5</sup>, é considerada a mais importante da Região Metropolitana do Cariri (RMC), localizada no sul do estado do Ceará. Totalizando 426.771 habitantes, o Crajubar constitui o segundo maior pólo urbano estadual, depois da capital, Fortaleza, que tem 2.452.185 residentes (IBGE, 2010). Além disso, os três municípios apresentam uma extensa rede educacional composta tanto por escolas públicas, quanto privadas nos três níveis de ensino: fundamental, médio e superior. Nesse trabalho serão consideradas apenas as escolas de ensino básico e médio públicas, que ao todo somam 158 instituições municipais e 30 estaduais, assim distribuídas:

**Tabela 1** - Número de unidades escolares públicas.

<b>Cidade</b>	<b>Escolas municipais</b>	<b>Escolas estaduais</b>
Juazeiro do Norte	68 escolas	13 escolas
Crato	50 escolas	12 escolas
Barbalha	40 escolas	05 escolas

Fonte: Secretarias municipais de educação de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha e Credes seções 19 e 18 (2012)

Desse total, identificamos 18 escolas com projetos de educomunicação ativos, sendo assim distribuídos:

<sup>4</sup> As atividades fomentadas pelo Programa Mais Educação são nas seguintes áreas, denominadas de macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

<sup>5</sup> A área compreendida entre esses municípios é denominada, popularmente, de triângulo Crajubar, uma sigla construída a partir das palavras Crato, Juazeiro e Barbalha. Na cartografia, esses municípios formam uma área de forma geométrica triangular.



**Tabela 2** - Número de escolas com projetos ativos de educomunicação.

<b>Cidade</b>	<b>Escolas municipais</b>	<b>Escolas estaduais</b>
Juazeiro do Norte	---	08 escolas
Crato	06 escolas	02 escolas
Barbalha	---	02 escolas

Fonte: Laboratório de Estudos Avançados em Desenvolvimento Regional Sustentável (Leaders) /  
Linha de pesquisa: Comunicação e Desenvolvimento Regional Sustentável.

A pesquisa encontra-se na terceira fase, o qual, entre outros dados, busca identificar o grau de participação de professores e alunos nos projetos - esse estágio consiste na aplicação de formulários semi-estruturado. O objetivo é verificar, a partir do grau participativo, se os projetos podem contribuir para formação de jovens mais engajados às demandas da comunidade, uma vez que exercitam na escola a argumentação, o saber trabalhar em grupo e a sensibilidade para as necessidades da comunidade – características do trabalho jornalístico que pode ser pano de fundo para os projetos em comunicação.

Iniciamos os trabalhos no município do Crato. Foram aplicados questionários em três escolas que contam com o apoio do Programa Mais Educação. Vejamos alguns resultados quanto a participação de estudantes no processo de produção de conteúdo (pauta, produção, texto, locução, entrevista e edição).

Na Escola Cel. Filemon Fernandes Teles, no Crato, é desenvolvido um projeto de rádio escolar denominado “Rádio Escola Filemon”. Foram entrevistados dois alunos e um professor. Todos afirmaram que o estudantes participam de todas as etapas supracitadas.

Na Escola São Francisco, também no Crato, são desenvolvidos trabalhos em três mídias: rádio, Internet e jornal impresso. O projeto integrado chama-se “Cala a boca já morreu”. Foram entrevistados três professores e três alunos. Houve divergências nas respostas, as quais foram diferentes em todos os questionários, o que pode ser um indicativo ou de desconhecimento das etapas de geração de conteúdo nos moldes da comunicação midiática, ou de falhas na integração da equipe.

Na Escola Professor José Bizerra de Britto é desenvolvido um projeto de jornal impresso. Foram entrevistados o gestor, um professor e dois alunos. As respostas coincideram e indicaram que os estudantes não participam da elaboração da pauta, ou seja, que não escolhem os assuntos a serem abordados no jornal; e também não fazem a



edição do periódico, portanto, não tendo a oportunidade de acompanhar o momento de finalização do jornal, quando podem ser alterados ou excluídos textos.

### **Considerações finais**

Até o momento, verificamos que a quantidade de projetos educomunicacionais oscila bastante entre os semestres letivos. Percebemos que nos três municípios pesquisados, o número de projetos nas escolas municipais e estaduais foi reduzido. A desativação dos projetos se deu em maior proporção nas instituições de ensino municipais, com destaque para os municípios de Juazeiro do Norte e Barbalha. Identificar os motivos dessa instabilidade pode ser um indicador importante para avaliar a eficácia de políticas públicas de Educação Integral.

Quanto ao grau de participação dos estudantes, o que se pode perceber pelas respostas de gestores, professores e dos próprios alunos é que ela acontece. No entanto, somente um trabalho de imersão nas escolas poderia verificar o que revelaram os questionários. A observação participante será nosso próximo passo e ajudará a entender a cultura organizacional da escola, a partir das dimensões institucional e pedagógica, “usando para isso uma metodologia que envolve registro de campo, entrevistas, análises de documentos, fotografias, gravações em áudio [...] descrever a situação, compreendê-la” (ANDRÉ, 2003, p. 37). Considerando que o Programa Mais Educação dá prioridade a escolas com baixo IDEB, é importante verificar questões como o tratamento dado pela escola comportamentos indisciplinados e se estes são confundidos com atitudes de resistência à dominação, pois distinguir esses fenômenos constitui um desafio que poderá elucidar várias questões que atravancam o processo de Educação Integral.

Após o período de imersão nas escolas, voltaremos o olhar para as mensagens disseminadas pelos projetos de comunicação e educação, a fim de identificar os assuntos abordados nas ações comunicativas. Nesse momento, lançaremos mão da análise de conteúdo, a qual “ocupa-se basicamente com a análise de mensagens [...] ora valorizando o aspecto quantitativo, ora qualitativo, dependendo da ideologia e dos interesses do pesquisador” (FONSECA Jr In: DUARTE & BARROS, 2009, p. 285). O objetivo, nesse momento, é de investigar se e de que maneira conteúdos relativos à formação integral dos estudantes podem estar sendo produzidos e/ou reproduzidos. Paralelamente, é importante também verificar se o processo de elaboração das



mensagens é participativo ou autoritário, seja por parte dos alunos ou por parte dos professores envolvidos. Nesse momento, poderemos perceber se existe dialogicidade na escolha dos temas a serem tratados.

Concluída essa fase, faremos análise de discurso das mensagens emitidas, a fim de perceber como se dá “a apropriação da linguagem pelo emissor, o que confere a ele um papel ativo, que o constitui em sujeito da ação social” (MANHÃES, In: DUARTE & BARROS, 2009, p. 305). O princípio da dialogicidade reaparece também nessa fase, pois devemos verificar se existe coerência entre o tema escolhido e discurso proferido, isso vai depender não somente da linguagem utilizada, mas da forma como se apresenta o assunto - se há interlocutores ou se é unidirecional, por exemplo.

Por fim, faremos um estudo sobre como as mensagens produzidas nesses projetos de comunicação educativa estão sendo vistos pela comunidade escolar. Seguiremos alguns métodos da pesquisa de recepção, tais como a entrevista aberta, onde o informante aborda o tema proposto livremente (MINAYO, 1996) e os grupos focais com alunos, professores e pais de alunos, um “tipo de pesquisa qualitativa que tem por objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular” (COSTA In: DUARTE & BARROS, 2009, p. 181).

Desta forma, acreditamos que poderemos contribuir para a reflexão sobre as práticas de comunicação no âmbito da Educação Integral e sua influência em escolas do interior de estados brasileiros.

## Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. **A visão da juventude no Brasil: um panorama histórico.** In: COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática.* Salvador: Fundação Odebrecht, 2000 .

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar.** 9 ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

ARTICULAÇÃO NO SEMI-ÁRIDO. **Semiárido.** Disponível em <[http://www.asabrazil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD\\_MENU=105](http://www.asabrazil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD_MENU=105)> Acesso em 02 abr. 2012.

BOUNFLEUR, José Pedro. **Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura de Habermas.** 3 ed. Ijuí: Ed. Ijuí, 2001.



BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.

BRASIL. **Nova delimitação do semiárido brasileiro**. Ministério da Integração Nacional. Brasília: Esplanada dos Ministérios, 2005. Disponível em: <<http://www.mi.gov.br/desenvolvimentoregional/publicacoes/delimitacao.asp>>. Acesso em: 01 jan 2013.

BRASIL. **Programa Mais Educação**: passo a passo. SEB/MEC. Brasília: Esplanada dos Ministérios, 2011. Disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com\\_content&view=article/](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content&view=article/)>. Acesso em: 01 jan 2013.

BURSZTYN, Maria Augusta Almeida. **Desenvolvimento Sustentável**: biografia de um conceito. In: NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do Nascimento, VIANA, João Nildo (orgs). Economia, meio ambiente e comunicação. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: um longo caminho. São Paulo: Civilização Brasileira, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Em direção ao mundo da vida**: interdisciplinaridade e educação ambiental. Brasília: IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil**: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000 .

COSTA, Maria Eugênia Belczak. **Grupo focal**. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

DAGNINO, Evelina. **Anos 90**: política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DAMASCENO, Maria Nobre. **A formação da juventude**: educação e cidadania no contexto da diversidade cultural. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. (org) Movimentos Sociais, educação popular e escola. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

FONSECA Jr, Wilson Corrêa. **Análise de Conteúdo**. In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. 8 ed. São Paulo: Ed. Ática, 2008.



IBGE. **Censo 2010:** população do Brasil é de 190.732.694 pessoas. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=1766](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1766)>. Acesso em: 02 abril 2012.

JACKS, Nilda Aparecida. **Juventude? De que juventudes estamos falando?** Seminário Internacional Brasil e Portugal: Jovens, Subjetividades e Novos Horizontes, Rio de Janeiro, 25 a 27 de setembro de 2012. Disponível em <<http://seminariobrasilportugal.wordpress.com/>>. Acesso em 01 jan 2013.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MANHÃES, Eduardo. **Análise de discurso.** In: DUARTE, Jorge, BARROS, Antônio (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2009.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Juventudes, professores e escola:** possibilidades de encontros. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

\_\_\_\_\_, Kelma Socorro Lopes de. **Juventude nos jornais:** a educação ambiental em foco. In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de., SAMPAIO, José Levi Furtado (orgs). Educação ambiental em tempos de semear. Fortaleza: Ed. UFC, 2004.

\_\_\_\_\_, Kelma Socorro Lopes de, ALENCAR, Maria Clélia de Medeiros. **Juventude Rural: trabalho, migração e escola.** In: MATOS, Kelma Socorro Lopes de. (org) Movimentos Sociais, educação popular e escola. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NUNES, Rosane da Silva. **Rádio comercial e Comunicação Alternativa:** Uma aliança possível? Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2002. (monografia de especialização).

\_\_\_\_\_, Rosane da Silva. **Jovens comunicadores do Projeto Aliança na microrregião do Médio Jaguaribe:** agentes de capital social através da reedição? Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2005 (dissertação de mestrado).

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Comunicação e Política.** São Paulo: Hacker, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.

LIMA, Venício A. de. **Comunicação e Cultura:** as idéias de Paulo Freire. Brasília: Editora UnB: Fundação Perseu Abramo, 2011.